

JOAQUIM FERRER

A MORTE
SEGUNDO
ESTÁCIO
DE SAA

LIVROS DE PORTUGAL
RIO DE JANEIRO
1968

A MORTE
SEGUNDO
ESTÁCIO
DE SAA

DO AUTOR

PUBLICADOS:

RAMPAGODOS — Romance

ILHA DOIDA — Romance

A MORTE SEGUNDO ESTÁCIO DE SAA — Poemas

OBJECTOS RECUPERADOS — Poemas

ORNITORRINCOS — Poemas

OBJECTOS DO SILÊNCIO — Poemas

JOAQUIM FERRER

A MORTE
SEGUNDO
ESTÁCIO
DE SAA

LIVROS DE PORTUGAL

RIO DE JANEIRO

1968

ESTE ANO E OS OUTROS

corrompido nauseado
este ano me foi escasso
dia a dia reprimi-o

dele andei tão afastado
quase o não reconheço
este ano em que fui raro

passou há pouco por mim
este ano em retrocesso
e quis levar-me consigo

houve um outro ano passado,
é claro, já passado
que passou e nem me viu

de qualquer modo morreu
esse ano que me bateu
— sou talvez seu assassino!

este agora recupero
faço tenção de prová-lo
antes que passe de todo.

TIVE UMA ILHA

tive uma ilha feliz
nalgum recanto da memória
nalguma parte da vida
— e perdi-a!

afundei-a afundou-se
escondida talvez entre os rochedos
que ficaram para trás
de um outro tempo esquecido

sofro das intempéries e do mar
que é longo demais para a vida
consentida

toda a quimera me deixa exausto
eu que da terra tenho desgosto
e de amor excesso!

QUEBREI JÁ TANTA COISA

subiram ao alto da colina e fizeram previsões
que nunca se cumpriram
porque as previsões eram feitas para baixo

há quem confunda porcos com sentimentos
há quem ajude a remover as catedrais
para fundar outras piores
que duram o tempo de um par de sapatos!

há quem imprima pensamentos debaixo das botas
e se apresente a passear a ocidente
e discurse com um dedo esfregando no pus
que a si mesmo se fez

há quem reconheça que a vida é só esta
e por isso ninguém lhe escapa!

há quem esprema limões em pequenos pratos
sintéticos de borracha
e engula os cacos em vez do suco

oh, e de mim não falo, hoje não quero falar
nada quero dizer que me indisponha
que me estrague o apetite para esta noite
que tenho mulher

hoje quero apenas colher flores e plantar
em vasos o que precisa d'amor

quebrei já tanta coisa que agora me impeço
de algo terminar

não quero hoje atirar fora nenhum objeto
porque sei que com isso o mato,
que com isso o ofendo e destruo
mesmo que vivo fique...

hoje quero apenas discordar,
interromper palavra qualquer de ameaça

— impedir alguém de cair.

A QUEDA DO ANJO

a escalada mais árdua desde a queda do homem
foi esta!

um susto aqui ao cabo de cada degrau,
assobia...

e para quê meu Deus, se tudo
há-de um dia consumir-se!

aceitei o papel que me deram
mas represento mal e porcamente

não sei porque subo ao palco
dos dias, indignado

a plateia azul, desfigurada
por aquela multidão

não sei porque desço, vaiado —
feliz sou linearmente

não sei porque não choro e represento
como toda a gente...

para que quero eu a consciência histórica que guardo
no bolso do colete?

ah, não acreditem nos homens fracos —
hão-de um dia estraçalhar-nos!

as fúrias dão-nos hoje eletricidade
mas aí! enfiar-nos-ão os cornos no ventre

ainda verei homens empalados
assim mesmo sorridentes

e dir-se-á que são frangos
para os grandes almoços!

já comecei a ver os fuzilados que cantam
o hino anti-gente

morre-se na ópera todas as noites
os artistas cumprem sua sorte

OS QUE MORREM

o vatapá
o feijão com arroz
o tutu de turista que me serviram ao jantar
o viajante que arrota e conta à gente
as piadas com os sírios do levante
o grande louro austríaco
psicótico heráldico
não gosta dos judeus
nem de jesus quiçá
gosta de si
e há-de ficar cá!
português gosta daqui
mas gosta de lá
gosta muito do que não gosta
— vai comendo o arroz
morrendo por aí...

2

tomo as decisões totais
antes do perigo
depois é que penso naquilo
e não me arrependo!
de qualquer modo caio ou subo
neste vício
de correr para cima e para baixo —

3

ali fora, a praça quadrada
que plantaram não faz muito...
não dá nada
— dá gente
vão tirá-la
porque não dá nada, fora da gente...
— não é suficiente!
resolveram isso na assembleia
e votaram a morte da praça
— andam já a matá-la
com grandes máquinas que não se importam de nada
e custam um dinheirão
contribuem prá inflação
depois o que for se conserta

— não há-de ser nada!
o que é preciso é progresso mesmo em excesso
e alguma ordem
por de baixo...

4

do vigésimo nono andar, vê-se
de cima a vida
realmente achatada —
lá em baixo aquela pasta negra
— é gente
gente que sente
que se repetia diariamente
que não sabe o que faz
para além do mês
a vida toda a andar
de trás para diante de diante para trás
até que um dia
desobstrui a cidade!...

O HOMEM NA PAISAGEM

as prostitutas caíram na paisagem —
são antigas como as flores
as virtudes e catedrais

o asfalto é o sol derramado
betume dos abismos humanos

o homem desceu por si mesmo abaixo,
caiu na poeira
de sua história frugal

do que predisse, não viu
— foi muito mais do que isso!

sublimou-se arrependeu-se
exasperou-se
imiscuiu-se no mármore do sol já tarde
despediu-se da embalagem e
tirou o retrato de hematomas no rosto

procurei desfazer-me do excesso
de bagagem
mas ela cresce invariavelmente
como explosão de cogumelos!

UM BOI NA AVENIDA¹

pobre animal trucidado na avenida
por um cruel e fatal
acidente de tráfego —
o povo enorme e sinistro despedaçou-o
ainda vivo e sorridente!
— que mal tinha ele feito à vida
senão ser boi que tem carne e atravessa
o centro da avenida...

povo ignaro e bruto
cortou-lhe as partes principais!
até funcionários d'estado,
à violência acostumados,
mais mercenários e mulheres
que vivem a vida pequena
na travessa do operário...

— quem sabe? pensou
o dono a correr, se ainda acho meu boi
em bom estado? talvez ainda o salve
e o leve no carro d’alarme ao hospital
do instituto...
antibióticos e gesso
nas quebradas partes...
...tão bom aquele animal
inocente e quase gente...
quem mo dera ver agora a pastar lá no fundo
de meus olhos no quintal!...

EM CASA E FORA

quatro mil soldados e eu a pé
e eu só
e eu aqui
o ano furioso e ruim cresceu e me chupou!

no quarto do fundo, o ferro
de engomar panos e crianças
as raízes da alma crescem dentro do tanque
os retratos antigos descem da parede
voam pelos cantos
como cegos morcegos

o sofá verde que eu comprei no leilão
e trouxe à trela para casa
o relógio francês antigo que,
em vez de horas dá flores eróticas —
minhas amigas olham-no com apreensão...

sigo as horas mortas na varanda,
a que dá para as traseiras do cinema
— aqueles ruídos confusos arranham-me a garganta

perfurei o equador em três lugares —
numa dessas últimas viagens senti-me
simplesmente comovido...

súbito pensei na imensa e salgada
profundidade
naquele ponto do mar —
de cair tive medo!

ah, os pequenos emigrantes
determinados à esperança
e uma força enorme em cada braço —
a primeira vez que viajam de barco,
e dele fazem já casa!
veem-se quase as cabras voltar do pasto
e atrás as crianças...

desembarcam, desembarco —
cá estamos todos do mesmo lado
— e tão pouco igual o que vimos!

tempestades mudaram-se todas para aqui
pulam por cima dos muros
abalam troncos invisíveis e põem-nos
raiz à mostra.

A FESTA

ao Manuel Breda Simões

a festa passou muito bem sem mim...
eu que sou distante, absorto, inspirado,
eu que sou até triste e comovido!

eu que não fui ainda concluído
nem arrasado
apenas loteado em família
e procurado pela polícia de todos
meus estados interiores
federais e absurdos —

por isso não fui à festa nem a coisa nenhuma
— não vou ao que resta dos fenómenos!

a verdade é que me exhibo ao inverso —
excito-me no que desisto
abstraio-me no concreto
e meço no desmedido.

LUTAS EM QUE ENTREI

ah! o que vai de política e coisa ruim
sem mim

os rios de Lama e d'Agosto
afogaram-me afinal!

não abro nunca a janela
para ver o que vai em baixo

vejo as crianças
crescendo só para um lado

tornam-se homens já feitos
com saliências e depressões

os homens que marcham assim
parecem peixes d'agosto

pulam de charco em charco
e sujam-se as mãos e pescoço

2

aos primeiros berros desci à rua
e era eu que berrava!

combati à primeira vista
por isso perdi o combate

vi fugir o inimigo —
sem ninguém aqui fiquei!

ao menos teria alguém
para ter e lembrar

ainda pude perguntar: — a quem
é que hei-de agora vencer?

rapidamente rumei para noroeste
— nada lá existe que me interesse

oh! este meu rumo não me inclui
ou comigo se parece!

GEOGRAFIA COM FOME

os candidatos da fome
os que fazem geografia da fome
os que atravessam a fome a nado
os que têm fome por tudo e por nada
os que insistem na fome
cansados de comer
os parciais amigos dos pobres
dos pretos, dos povos
os incontáveis assessores dos candidatos
os reais precursores da máquina a vapor
os inventores dos reatores de piscina
os incompetentes de coisa nenhuma
os violinistas da quarta dimensão
os que intentam fazer do homem um berro
de boca torta a berrar,
em vez de lhe darem uma pistola!
os que matam a torto e a direito numa só direção
e fazem da coroa lunar,
— o quê?
e fazem da revolução
o bode indecoroso!

QUADRO ²

ora em cima dum palanque
fez-se o homem diferente
deu murros no peito e pôs-se
o povo todo a chorar

agora já presidente
e o povo descontente
dá murros agora no peito
nos intervalos da peste

de que vale chorar alto
ó meu povo, de que vale
s' este mundo é desconforme
e homem cai de repente!

OS HERÓIS NECESSÁRIOS

ao Jorge Reis

cá se fazem os heróis
são precisos sempre mais
prás necessidades brutais

sem ter quem nos salvasse,
que seria feito de nós
e por nós lá morresse!...

os heróis necessários
é preciso decidi-los
ou algures perpetrá-los

retirá-los da poeira
e até desenterrá-los
tratá-los depois de mortos

se são feios se são belos?..
hão-de ser bravos à força
e beleza virá depois.

O POETA MORREU ONTEM

o poeta morreu ontem
tanta vez já morto de pensar que a morte
viria ainda em vida sua

há muito amava morrer
dizia: — a vida é morte pura
e pra quê nascer e cantar!

eu vi-o pesado e prudente —
mais do que a vida, amava as coisas
e o que delas cá se usava

tinha a voz cava dos abismos
encostava a escada
aos pilares preciosos da vida

o talento dos cinco sentidos produzia —
realmente concreto,
pelo prédio subiu como um gato!

usou cavilhas na muralha da china
ciência e cabala tinha de uns dois mil anos

réu de nós todos — antiquíssimo!
foi lá que a vida o pôs
nas avenidas que fez

levámos-lhe as flores
mais inúteis que já teve.

A VACA SAGRADA

ao Milton Dacosta

eu tinha uma vaca sagrada com asas
que amava devorar-me, apreender-me
passeava pelo jardim da casa
penetrava nos canteiros e cortava
rainúnculos azuis
e punha-os ao peito!
aparecia-me de cornos floridos
no terraço...
eu tinha outros animais
a uma distância infinita uns dos outros
passavam vida a fazer-me sinais...
pássaros pobres sem meios
para cantar
nobres cavalos de corrida e sela
hoje superados por automóveis e helicópteros —
comboios cuja parte da frente ainda fumegava
destinados à decadência definitiva
como a França Inglaterra e outros povos —

e bois, pobres bois locais, arrastando-se ao meio dia
com suas cargas negativas —
lobos ainda uivantes, para aqueles lados
sem a técnica moderna para abater reses!
enfim o mundo se modifica,
o meu e o dos outros
mundo convulso que se choca, que se quebra
que se fende
até a bomba H provavelmente
recolhida em pouco será ao museu da inconfidência!

isso tudo não é nada comparado
com o que sinto e abstenho.

A VENDA DA PRAÇA ³

na gentil capital
de um estado próspero e bom
pôs-se à venda uma praça
dentre as praças, a melhor
quiçá a mais reputada

terreno de qualidade
aquela praça quadrada —
bem calculada e vendida
valia uma fortuna!
só loteá-la faltava

sem praça pode passar-se
que de praça ninguém come
quem é que se importa com praça
por onde se passa depressa
e nem é preciso passar-se...

VIAGEM QUE SE PASSA

viagem marquei sem prazo fixo
não gosto da frigidez
no futuro que inauguro

viagem de preocupar-me não deixa —
se sai do que penso
é já insucesso!

partir ou chegar não é principal
principal é ser
isso a fazer

viajar é incomodo e próspero
mas principal
é o que antes penso...

os buracos que encontro na estrada e no vento
são vertical movimento
que é preciso preencher

a viajar no que penso
passo o tempo
e melhor viajo!

NAVIO

tudo vivi por aqui
e tudo além, também
neste encontro sem mim —
só aquilo que não completei
ou existi, foi
um certo e longo navio
que não fora sequer
lançado ao mar

navio inacabado
impulso antes de sê-lo
barco subjacente —
tudo o que tinha
era querer navegar...

pois bem —
esse navio afundei-o
afundou-se
e fui com ele para o fundo
tal qual o sinto
aqui
neste mar da minha face.

NOSSA LÍNGUA ⁴

a língua que falamos é confusa
imprudente dissoluta
ninguém se entende nesta língua
esta língua não é justa!
ninguém a fala igual a mim!

não temos a sorte de ser
como os outros a falar:
— russos chinos e franceses
fineses e anglões
até kalmuques (da república
social secreta dos kalmuques do don)
não dispomos das palavras nem do tom
da gramática que fala
por si só
cá não dispomos de nada
a não ser desta má fala —
cavalos somos da frase
que nos cavalga e escoucinha!

não tem nada nossa língua
que se aproxime da norma
que já vem feita de fora
que já vem feita de cima —

nossa língua tem os poemas
dos filhos que lhe fazemos!

MEU EXÉRCITO

ao Eduardo Lourenço

lembro-me deste exército, sim
perfeitamente me lembro
exército feito de excessos —
grandes alegrias trazem-me tristezas
irremediáveis e frias —

um exército realmente espontâneo
coerente e bastante capaz
das mais ilustres campanhas —
coerente consigo mesmo,
não comigo

— pô-lo em marcha? ordenar deter-se?
que fazer desses milhares de números
que têm a volúpia de marchar, combater
e o ar da pólvora respirar?

ah! se eu pudesse entrar numa guerra
uma dessas que andam por aí
à espera de quem as queira!...

O ANO ASTUCIOSO

filiforme
astucioso, enorme...
vi-o passar,
este ano prodigioso
na rua, extenuado

ah, sim sofreu de mim
— porque veio aqui?
não viesse!
não o mandei vir!...

eu estava mal passando
estava-me retirando
sem cobrir a retirada
estava quase inocente
das longínquas certezas

que me deixassem ficar
onde eu estava
à minha sombra
que não dá nada
— só sombra...

que me deixassem beber e trincar
os grãos que caem das árvores
e da última chuva...

SÓLIDAS AS ROSAS

as coisas sólidas da vida
atirei-as fora
fiquei com estas
que por fora dessoram

sob o roseiral adormeci
— que culpa tenho
de haver rosas?

deito-as fora —
voltam sempre
aniquilar-me!

OS NAVIOS EM GARRAFA

a estrada ficou juncada
de cadáveres amáveis

entrei na curva da história
pela porta da cozinha

pedi as armas que me deram
plantei-as no quintal

fui amante das redondezas
da minha grande capital

em vez de engarrafar navios
pus em navios as garrafas!

e fui abastecer-me
nos porões do sexo.

A CORNIJA

insidioso e brutal foi
promover o irreal!

o professor subiu à fachada
e fez parte da cornija —

eu subi a escada
tenra
— e comi-a

2

alguém teve uma criança pelos peitos
de um parto emocional
declamei umas certas cruezas
que andavam a instigar-me
e fui bem-amado

comprei frascos na farmácia
alinhei-os na escrivaninha
sobre papéis frescos —
destes alinhamentos
saem sentimentos

e colhi cerejas nas pregas duma estátua
cuspi os caroços com certa irritação
e fiquei vários meses
sem falar em público

a escultura foi demolida por ter dado
o que não devia.

UM TIRO NA TESTA

ao longe com um tiro de revólver
mataram índia!

vesti-me de preto e de arestas
pus-me a ler sentado no deserto
orações que estavam abandonadas —
sei que assaltam bibliotecas
e roubaram-nos granadas!

restam apenas os falos populares
— coisas pactuais que havia dantes.

MATEI O DIA

matei o dia
sacrificando um cão!

rasguei o envelope
de um velho pressentimento

acendi o charuto
realmente preto

este modo de exprimir-me
é expulsar o que vai dentro.

CAÇARAM A BONDADE

despediu-se a bondade
que me tinham dado
anos antes

andava lá por casa
dentro de baús
quase desnutrida

com a bondade quis
fazer uma casa
comprar uma louça e uma cortina...

com a bondade fui
apanhar peixe
e matar pulga

a bondade adulo
faço o que posso
para vê-la feliz

e nunca lhe peço
nunca pedi
mais do que me deve

eu que fiz tudo
por ser-lhe fiel
amante ideal...

mas vêm caçadores
e leva um tiro
como perdiz.

CAVALOS QUE FALAM

após passar a ponte
contratei-a para a viagem

topei no ar um cavalo faminto
um cavalo futuro que sabia falar

nas estradas daqui de casa
os ladrõezinhos começam a andar

fez-se escuro extra-muros
descansava sobre nada

o dia de hoje estive realmente
abominável!

o de ontem esteve aqui
ainda hoje

talvez o dispense logo à noite
após fazer-me mal

lembro-me de há um ano atrás
quando não houve nada...

— houve o ano,
assustadoramente!

SOBRE O MAR VOMITEI

não faço o que devo, não faço!
não reproduzo não coso!...
— isto me dizem me insistem me informam
com um ruído sinistro
de estupro e cuspo!
que pensar senão que me estragaram
o dever na escola em casa na igreja
no palheiro
sob a cortina da saia...

os motivos de origem lunar de que desfruto
ninguém quer saber
ninguém quer subir
para lá ir ver!...

a caridade acabou em metade
ficou doente nalgum lado
que não frequento —
vivo na parte insegura
do globo terrestre

tudo encontrei já velho e gasto
sem prazer nem gosto
nada me deixaram para amar ou descobrir
a não ser
a coisa proibida em flor!

sobre o mar vomitei
o que me deram ao jantar, sobretudo
pequenos animais de asas duras e
abomináveis pedaços de papéis.

ESSAS FAMÍLIAS

ui! as pequenas famílias que se entredevoram
com os dentes da frente

e as grandes famílias que se reconhecem
nos raros festivais

e essas tao íntimas cujas carnificinas
escorrem vermelhas por debaixo das portas

formigas revezam-se umas às outras
vidas supõem-se devorando vidas

vidas são fortes e violentos animais
maneira não temos de vê-los melhor

peles arrancam-se para vender
os olhos preparados servem para jogar

calca-se lentamente a pele do pescoço
para curtir

levam-se à feira os porcos
dos sentimentos que em casa se criam.

RAIVA QUE ME ASSISTE

tenho raiva, ambígua raiva noturna
de quem não sabe os dias da semana!
de quem de ano se equivoca
de quem não sabe o custo da vida
de quem não usa apontamento
— raiva que tenho danada
disto tudo e de mais nada!
das outras coisas me vem
um furor já digerido
que faz até parte da gente
e nos põe a vida em perigo!

OS HOMENS PROIBIDOS

essa tendência diurna
de acender luz...
não sei porque essa gente o faz!

o dia é suficiente para tudo, exceto
para isso que se quis

ninguém me ensinou a andar aqui
tudo o que aprendi foi há tanto tempo!...
disto aqui ninguém sabia,
e não se acredita...

e há ainda os homens, feridos d'abismo
que poucos ainda
aqui andam,
— proibidos que foram agora.

O ESPAÇO DOENTE

Espaço
de sua imensidão doente
diante dos olhos
naufragados

templos derruídos
impregnados daqueles segredos
algures segregados

sente-se n'alma o vento elétrico
a claridade é
de uma carnal palidez
— houve ali algum desastre!
capitéis decepados rolaram
como cabeças de rainhas...

e no ar — severos e rubros
de uma limpidez inigualável
objetos místicos em campo de cinza
como olhos redondos em órbitas,
ainda me seduzem!

dos canais pulam em terra
sobre a borda do cais
longos e ousados
animais subterrâneos

fugir não tento, não posso
ligado àquelas pedras
parte faço do mistério
estremeço do que não se passa,
o que não tem pressa
e não se desgasta...

devo ser aqui alguma
e antiga culpa
indestrutível e rara

mundo enorme e denso
que não posso
segurar cá dentro.

AS MÁS INTENÇÕES

penetrei no salão a cavalo
como difusão de raio xis

disparei as armas
e fui contar os cadáveres

o retrato do belo antepassado
varado caiu no chão

historicamente falando
foi um sério percalço

no colchão do quarto disparei —
as plumas assumiram um ar festivo e louro!

procedo sempre com esta audácia
imprescindível
subo aos móveis e lá instalo
bazucas e armadilhas para homens e bichos

os pobres pássaros
ao porem as mãos ficam presos
de pressentimentos

assim os livro das intenções
minhas e dos gatos
— que abstratos não são!

MEU NORDESTE

a Gilberto Freyre

meus problemas do nordeste
são reais
sofro de tudo o que sofre o nordeste, que é de todos —
meu particular nordeste
é este

este meu é enorme
e faz mal
tanto quanto o outro faz
lá no norte
de mim a leste

tenho tudo o que tem o nordeste
até açudes e pontes
e bons sentimentos
quando chove

e tenho meus cangaceiros
cá por dentro a dar tiros
a esconder-se dos soldados
e a espetar-se nos espinhos

se vem chuva, sou até fértil
como o nordeste —
planto minhas pequenas culturas
colho limões
e tenho mulheres.

AMÉLIA

ah, como eu gostaria de ter alguém
chamado amélia...

uma eu tive
afastou-se daqui realmente

realmente foi o que foi
porque amélia é fêmea
e não corre atrás de macho
quando muito à frente corre

da amélia que tive, a bem dizer não tive
coisa nenhuma
porque amélia não estava madura
ou nela eu não estava

algures anda amélia pálida —
quando penso nela,
ergue-se alguma parte
ao menor vislumbre d'amélia.

NAPOLEÃO

nunca tive essa paixão por napoleão!
ele foi quem a teve
eu é que não

eu fiquei à espera que mas devolvessem —
as minhas, que não tive
e andavam com ele

ah! napoleão com quem na escola não andei
nem nas guerras
nem em parte nenhuma...
— disso me arrependo agora!

entre essas paixões que refiro
encontrei algumas
por aí
isoladas de quem as teve

pratiquei-as —
nem todas ainda nem todas,
mas as que ficaram
de mim se embebedam!

DIAS CANINOS

os dias caíram-me em cima
sediciosos, repentinos
dias caninos com seus dentes
sobressalentes

meses cavalgaram suas partes
de cavalo
— inauditas artes!

e os anos consumi-os com estas
malasartes de ser eu
antes que me dissessem
quem eram!

há os excessos e percalços
das coisas eternas
mas é bom que o sejam
e nada me digam...

VACA FRIA

volto agora à vaca fria
a vaca donde se volta
a cada volta que vira

eu não gosto desse prato
de que ando farto e afasto
essa frieza indigesta!

NA LUZ DO LAMPIÃO

à luz molhada do lampião
tive frio

o mau parecer que me dava
vinha
da última lua

adormecia uma sombra deitada
na rua
da minha cama

e os cravos
caíam da janela
rubros e nus como ela.

DOS OUTROS E DE MIM

ah, porque hei-de sempre
sofrer pelos outros, eu
que tenho condições tantas
de por mim sofrer somente!

vou por aqui adiante
na esperança de fruir
algo que seja melhor
ou raiva entardecer

e se nada já vier
e reconhecer-me não possa
então melhor é ficar
com esta fome da raça!

O PERIGO ENORME

ah, vi-o passar, perigo enorme
de pensar
com seu ar sobrenatural!

é antiga, não cessa esta dor
que por mim pensa
e ousa falar...

se o pensar se disparasse
como uma arma qualquer
— enorme seria a mortandade!

CONSERVAS EM LATA

uma lata de conserva
dentro de um período legal
é uma lata de conserva —
lata de conserva é sinal
de um anfíbio qualquer
anda no mar e em terra
comê-la se pode no molho
prévio de sua lata
em que rótulo é mulher

são essas latas aos milhões
que me enchem vida de latas!

AS QUEDAS

caí das nuvens
e um dia da janela
fraturei uma costela
nunca mais caí de nada!

a não ser do que acontece
e não se esquece tão cedo
caio em mim certas vezes
outras vezes de mim caio

o que gosto e o que bebo
não dá pra cair tanto
em verdade só não cai
quem anda sempre caindo.

LONGA A TARDE

longa a tarde, difícil
d'executar —
estraguei o estômago a pensar
o que ele me estragou — pior ainda!

o fígado que senti, talvez
não seja este...
há o vento nordeste
que me traz coisas diferentes

incendiárias coisas
que me queimam realmente
sofro de latitudes
que me amam ou não!

imprimiram-se notícias
a noite passada
surpreendem-me a dormir
sinto-me agora melhor...

eu não li, não sei das crises
de ontem à tarde lá fora...
temo que me assaltem
daqui a poucas horas!

PÁTRIA AUSENTE

ó pátria minha deserta
aqui ando a regressar-te
pátria que me resta
amante nem sempre

manhã cedo tudo encontro
o que é lírico
e pródigo
a ocidente

para amar-te não serão tanto
braços e peito
quanto o que em mim existe
de ti tão perto

pátria quase secreta
e oculta, hoje só
descobri teu corpo místico,
— e já hoje é ontem!

ó pátria! ventos e oceanos
e terras daqui
só me deram de ti mais sede
e nunca desencanto.

OS ÚLTIMOS DIAS

os últimos dias
não foram dias
embora últimos

precoces sim
ferozes sim
mas dias, não!

dias não são
aqueles dias
compressores

não se foram —
ainda aí estão
cavoucando

de qualquer modo
eu sou que me julgo e ando
condenado aqui pelo meio

outras partes,
se me sobram
— ignoro.

NÃO ME DERAM O PLANETA

disseram-me na escola
onde era meu planeta
onde ele era fui buscá-lo
não mo deram até agora!

gente doida e ladrona
que tudo agarra e apanha
cá me deixaram ficar
tão sozinho e sem nada.

NOTAS

1 Ontem, um boi ao atravessar a Avenida, na hora de maior movimento, foi colhido por um ônibus em disparada. Logo rodeado por pequena multidão, o animal arquejante foi assim mesmo e rapidamente esquarterado. O motorista, causador do desastre, fugiu, como é normal. Em poucos minutos nada mais restava do boi. Nada explica uma tal fúria do nosso público, geralmente compassivo com os animais.

(dos Jornais)

2 O Presidente inesperadamente, renunciou ontem ao meio dia!

(dos Jornais)

3 Acredita-se nos meios competentes que foi o próprio Governador que loteou a praça da Independência em proveito próprio. Os compradores afirmam não pretender devolver a praça, a qual está altamente valorizada por se encontrar no centro da capital.

(dos Jornais)

4 A nossa língua é realmente confusa, precária, e dificilmente podemos transmitir através dela o que sentimos e pensamos (...).

(crónica In O Globo)

ÍNDICE

Este Ano E os Outros	7
Tive uma Ilha	9
Quebrei já tanta Coisa	10
A Queda do Anjo	12
Os que Morrem	14
O Homem na Paisagem	17
Um Boi na Avenida	19
Em Casa e Fora	21
A Festa	23
Lutas em que Entrei	24
Geografia com Fome	26
Quadro	27
Os Heróis Necessários	28
O Poeta Morreu Ontem	29
A Vaca Sagrada	31
A Venda da Praça	33
Viagem que se Passa	34
Navio	35
Nossa Língua	37
Meu Exército	39
O Ano Astucioso	40
Sólidas as Rosas	42
Os Navios em Garrafa	43
A Cornija	44
Um Tiro na Testa	46
Matei o Dia	47
Caçaram a Bondade	48

Cavalos que Falam	50
Sobre o Mar Vomitei	52
Essas Famílias	54
Raiva que me Assiste	55
Os Homens Proibidos	56
O Espaço Doente	57
As Más Intenções	59
Meu Nordeste	61
Amélia.....	63
Napoleão	64
Dias Caninos	65
Vaca Fria	66
Na Luz do Lampião	67
Dos Outros e de Mim	68
O Perigo Enorme.....	69
Conservas em Lata	70
Quedas	71
Longa a Tarde	72
Pátria Ausente	74
Os Últimos Dias	76
Não me Deram o Planeta.....	77

A EDIÇÃO ORIGINAL FOI COMPOSTA E IMPRESSA
EM 1968 NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA, LTDA.
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 33
RIO DE JANEIRO - BRASIL

